

ÍTEGRA

FH quer transformar o País no celeiro do mundo

Esta é a íntegra do discurso feito pelo presidente Fernando Henrique Cardoso durante a solenidade de encerramento da reunião do Fórum Nacional de Agricultura, em Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo:

Senhor Governador de São Paulo, Mário Covas, que nos honra com a companhia e com a presença,

Ministro Arlindo Porto, Senhores ministros de Estado,

Senhor senador Romeu Tuma,

Senhores deputados federais, estaduais,

Prefeito (...),

Amigo Roberto Rodrigues, que é coordenador do Fórum, Secretário Francisco Graziano

Senhores secretários que aqui se encontram,

Senhoras e senhores.

Como disse o Roberto Rodrigues, eu tenho convicção de que na condição do relacionamento do governo federal com as lideranças empresariais, os trabalhadores e com o governo estadual e com a administração municipal, eu acho que nós estamos mudando o modo de encarar alguns dos temas fundamentais do Brasil. Acredito que, quando nós terminarmos o mandato, nós já teremos um entrosamento de outra natureza.

Permitam-me recordar que, na campanha eleitoral, havia um problema seríssimo para mim que era o campo. Me recordo da reunião com as cooperativas do Paraná. Depois aqui, creio que foi em Araras. O pessoal da laranja. E era reclamação por todo lado. Reclamação naquele momento era fácil, eles fizeram a reclamação, mas no momento seguinte tinha que resolver as questões. Reclamações porque há dois anos nós tínhamos aqui, a taxa de juros era TR mais, e lá vai, lá vai juros em cima da TR. Não é isso? Então era muito difícil.

Cadê o financiamento rural? Não havia. No começo, muita dificuldade. Algum apoio das entidades de classe, no parlamento, setores isolados até que nós pudéssemos chegar, como chegamos, a definir o que foi pedido aqui pelo Roberto Rodrigues: propostas práticas e permanentes. Atrasamos um pouco na renegociação da dívida. Havia pouca compreensão no País mesmo, não só no governo, no País mesmo, da importância da renegociação da dívida do setor agrícola do Brasil.

Não foi fácil, porque sempre havia aquela questão de mais uma vez vão privilegiar os que sempre ganharam dinheiro, que não pagam os bancos. Até eu explicar que não era isso, até que nós nos convencessemos e convencessemos a nossa

própria equipe que não era isso. E que, de fato, não se tratava de um abuso, mas de um SOS, de uma bóia de salvação. Até explicar que o esforço feito foi para a massa de agricultores, até R\$ 200 mil. O que não era, simplesmente, uma moratória generalizada da dívida, mas era uma reconstrução do endividamento, de tal maneira que, outra vez, a agricultura pudesse ter um filete de recursos e que os próprios bancos recompusessem, levou tempo.

Eu creio que até hoje o Brasil não entendeu o que acabou de dizer o Roberto Rodrigues. Até hoje o Brasil não entendeu que a nossa grande vantagem corporativa, no momento em que nós estamos nos preparando para um grande salto no conjunto da organização produtiva brasileira, que significa serviço, significa não só que... Significa também o setor industrial, que significa, por consequência, um grande investimento tecnológico, agregar valor, e agregar o valor é agregar cérebro na produção.

Até que nós tenhamos, realmente, essa nova condição produtiva, de um País capaz de se igualar ao primeiro mundo, como se disse, mas não temos ainda, o financiamento de tudo isso, vai depender basicamente de nós termos a capacidade de estimular a nossa agricultura, o nosso setor primário. E o setor primário não significa, pura e simplesmente, não transformá-lo. Não. Significa, também, o agrobusiness, significa também ciência e tecnologia para que essa produção possa ser competitiva. Se isso significa biotecnologia, significa muita coisa, mas isso é que vai financiar o Brasil durante muito tempo, até que nós tenhamos, efetivamente, condições de generalizar esse processo do setor industrial e para que nós possamos aí competir com mais tranquilidade no nível internacional.

O Brasil esqueceu que, realmente, a agricultura está inserida nesse novo mundo. A agricultura não é o passado, é o futuro. Esqueceu, mas agora está acordando. Agora está percebendo. Está percebendo o quê? Está percebendo que nós temos essa capacidade de que 81 milhões de toneladas se multipliquem. Será uma safra recorde na nossa história. Mas eu espero que seja apenas de partida do nosso futuro. Que os (...) do mercado estão se abrindo. Nós temos toda a Ásia, cuja renda aumenta. E quando aumenta a renda, aumenta também o conteúdo nutricional de cada indivíduo. E é preciso que haja, portanto, uma produção agrícola e nós temos condições agrícola e pecuária.

Então, eu acho que essa mudança, hoje, é essencial. Essa

compreensão. Ao ver essa feira de agrobusiness aqui em Ribeirão Preto. Aproveito para agradecer as palavras do nosso prefeito Roberto (...), sempre generoso para com o visitante. Aqui em Ribeirão Preto, ao ver essa feira, ao ver essas máquinas, ao ver o terreno, o conjunto de esforços, a gente acredita no Brasil. Por trás disso está a Embrapa que é uma empresa do governo que é essencial para o nosso futuro. Essencial (...) e para que nós possamos garantir a continuidade de empresas como a Embrapa, nós tivemos a lei de cultivares, que eu tive a honra de assinar há muito pouco tempo e que levou anos para que nós convencessemos o setor mais atrasado do Brasil que aquela lei era boa para todo mundo. Convenceram-se. Levou muitos anos. No começo, a cultivare eram vistos — até por setores que não têm nada a ver com a agricultura, setores religiosos — como se fosse uma ofensa à ética.

Hoje, está se vendo que a lei de cultivares é uma necessidade básica para que nós possamos, realmente, ter a proteção das nossas próprias patentes e incentivos para que os nossos pesquisadores caminhem. As coisas, portanto, estão mudando efetivamente para melhor porque o Brasil está compreendendo essa dimensão nova da agricultura, do agrobusiness, da ciência e da tecnologia. Está compreendendo, também, que há outras áreas novas, como a área, por exemplo, de frutas. Sei que o nosso secretário-executivo está muito empenhado, o nosso ministro da Agricultura, que é onde nós estamos engatinhando e onde nós temos oportunidade imensa para avançar. E nós avançamos na parte institucional.

Lembra o deputado Marchezelli aqui, o Conselho do Café. Nós vamos precisar fazer o Conselho da Laranja. Nós vamos precisar fazer os conselhos, porque esses conselhos são com esse Fórum, não são a organização dos setores corporativos para, pura e simplesmente, pedir as duas coisas tradicionais ou três, que é desvalorização do câmbio, proteção e juros subsidiados. Isso é o passado. Esses conselhos, hoje, se juntam ao governo para definir novas políticas. Como enfrentar, na condição nova a competição. Como investir em ciência e tecnologia e dar recursos de financiamento para que nós avancemos na produção.

Então não se trata, pura e simplesmente, de conselhos corporativos para pressionar o governo. Isso é uma visão estática incompreensível. O produtor quer e o governo não dá. Aí é a soma zero. Não. Nós, aqui, queremos uma política em que

todos ganhem. Ganhe o produtor, ganhe o governo e, sobretudo, ganhe o trabalhador que precisa melhorar a sua condição de vida, e ganha o País, por consequência. Este Fórum é para isso. Este Fórum foi feito com esse espírito. Antes de ele existir, eu recebi os documentos sobre o Fórum, muito antes de ele existir como realidade, eu acompanhava no nascedouro a idéia de termos um encontro que permita essa definição de políticas dessa nova maneira. E já teve efeitos, teve efeitos concretos. O governo conseguiu, por exemplo, a questão da cesta básica, por exemplo, a questão da compensação do IPI através do desconto do fisco (?) (...), do ICMS na exportação. E tem alguns probleminhas aí para nós, governador e presidente da República, que temos alguma diminuição da nossa arrecadação, mas o ICMS de exportação foi fundamental para o produtor brasileiro.

Como? Redução de prazo das importações. Enfim, várias idéias estão surgindo daqui que são idéias positivas que se transformam em ação. Essa é a nova maneira de administrar um país como o Brasil: grande, diversificado, cheio de forças muito poderosas no nível da sociedade e que são essas forças que precisam estar em diálogo permanente. Essa é a atitude do governo, essa é a minha atitude.

Aqui, muitos dos senhores são testemunhas de que eu nunca, mas nunca mesmo me recusei a conversar e a dialogar. Posso não concordar. Num dado momento eu não concordo. Depois, eu me convengo e, às vezes, eu consigo convencer, também, do meu ponto vista os interlocutores. A mesma atitude que eu tenho para com todo mundo. Tenho para com os sem-terra, aos quais recebi já quatro vezes no gabinete do presidente da República. E propus o que? Diálogo. Ao invés de fazer uma luta lá fora, mandar mensagens contra os governos lá fora, porque queremos reforma agrária. Por que não vamos pedir, lá fora, os mesmos que estão lá fora querendo reforma agrária aqui, que derrubem as barreiras tarifárias para que nós possamos exportar mais, sobretudo o produto dos assentamentos. Tem que haver uma visão nova nisso tudo. Tem que haver uma visão nova para que nós possamos, realmente, dar-nos as mãos uns aos outros. Estamos avançando.

O ministro Arlindo Porto conseguiu fazer o que eu não consegui. Quando fui ministro da Fazenda, tentei regularizar o financiamento rural. Havia muita inflação ainda em julho, conseguimos alguma coisa em agosto, saiu dinheiro mesmo

em setembro. Agora, no ano passado, neste ano, já melhorou. E agora vai ser em maio. Esse é o desafio que nós temos que enfrentar aqui, em maio. E o desafio, os juros continuam caindo, e o desafio que se vai fazer é um desafio no sentido, não somente de que tenha o financiamento em maio, mas o que disse o Dr. Rodrigues, uma política agrícola permanente e que não seja preciso o tempo todo estar esperando a decisão do ministro, do presidente da República para ver se sai em maio, se sai em junho. Tem que sair sempre. Tem que haver uma fluidez e, aí, estamos avançando também, porque nós estamos modificando o sistema de financiar. Financiado no mercado de futuros, fazendo — meu Deus quanto tempo levou para nós obtermos a questão da possibilidade de financiar através de papéis a safra.

Eu ainda era ministro da Fazenda, fui à Comissão de Agricultura da Câmara ou do Senado, não me recordo, três vezes. Mas isso é bom, isso é bom para... isso não é bom, isso não é bom, isso é ótimo, isso permite modernizar os mecanismos de financiamento. Mas nós fizemos, estamos fazendo e vamos fazer mais. Aqui, ao ver essas máquinas, ao falar com o Marchezelli há pouco tempo aqui sobre a questão das máquinas, ao saber que o Pronaf, que nós fizemos também a pedido da Contag, fizemos o Pronaf, que é o financiamento do pequeno. Agora, 30% do financiamento de máquinas agrícolas são feitos através do Pronaf, ou seja, é o pequeno produtor rural que está obtendo recurso para comprar máquina agrícola, (...) contratos foram feitos, agora não sei quantos na parte propriamente de máquinas. De qualquer maneira, 30% são feitos através do Pronaf.

E mais ainda, através do Pronaf e de tal maneira que as pessoas possam se associar para poder comprar uma máquina de valor maior. Quer dizer, criamos a flexibilidade necessária, e aquilo que é importante, que tem o recurso, o banco tem que apostar no produtor, não pode ficar de braços cruzados e, primeiro (...) Tem que apostar. O risco de que tanto se fala que justifica os juros, o risco é esse. Vamos examinar se o agricultor tem confiabilidade ou não e apostem nele, dêem o dinheiro ao invés de ficar esperando primeiro que fique exangue, e, aí, não pode dar o dinheiro porque está exangue. Tem que mudar a mentalidade do sistema financeiro brasileiro, e está mudando.

Eu não tive dúvidas em tomar decisões solitárias, que a Constituição me permitia — depois vão dizer que é prepo-

tência. Solitárias porque a Constituição me permitia abrir exceção para que viesse um banco holandês de crédito cooperativo. E abri exceção para que viesse um grande banco estrangeiro, porque precisa ter competição nesse setor financeiro. Ele não pode estar cerrado, quando todos os demais sistemas estão abertos, ele não pode estar cerrado à competição. Assinei os decretos que a Constituição me autorizava a fazer, assinei os decretos dando essa autorização. Não fiquei com medo de que fossem dizer isso e aquilo porque eu tenho convicções. O banco é cooperativo, aprovamos o banco cooperativo no Banco Central.

E podem dizer o que quiserem, julgar intenções, não me assusta. Eu tenho convicções. E se eu tenho convicções eu exponho. Eu não estou fazendo uma coisa escondida. Eu estou fazendo o que eu disse que ia fazer. Vamos fazer juntos. O importante não é eu fazer ou o governador Mário Covas vai fazer, os nossos ministros e secretários vão fazer, é o que nós estamos fazendo juntos. Essa é a nova maneira de administrar o País. E isso terá resultados positivos, está tendo, não é que terá, está tendo resultados positivos. Nós mudamos a agricultura brasileira nesses dois anos. Repito, é só o começo.

Portanto, Dr. Roberto Rodrigues, senhores representantes dos vários setores aqui desse Fórum, lideranças empresariais, eu asseguro que quando o secretário-executivo Dr. Ailton Barcelos, quando o ministro Arlindo Porto disseram que a intenção nossa é de manter esse fórum de uma maneira consequente, eles falaram por mim. É isso mesmo, nós vamos manter esse Fórum de uma maneira consequente. Consequente quer dizer, não quer dizer que nós vamos prometer nada não, quer dizer que juntos, e reafirmo, juntos nós vamos encontrar os caminhos viáveis para transformar o Brasil, realmente, num grande celeiro para o mundo. E para que a nossa população possa viver melhor e comer melhor. Isso nós estamos fazendo.

E, ao chegar aqui, a Ribeirão Preto, sobrevoando essa terra, e o governador ao meu lado me mostrando para me dar inveja, porque é muito mais fácil ser governador de São Paulo, uma terra fantástica com essa, com essa gente, mas me mostrando aquilo ali, ao chegar aqui, ao entrar aqui nessa agrobusiness, ao verificar realmente a força dessa região, ao olhar a cara das pessoas, meu Deus do céu, eu só posso dizer a vocês que foi uma manhã feliz para mim, porque nós estamos juntos. Estamos juntos pelo Brasil!

Muito obrigado.